

AAÇÃO MISSIONÁRIA CRISTÃ ENTRE OS POVOS INDÍGENAS NO BRASIL: O CASO DO POVO TERENA

*The christian missionary action between the indigenous
peoples in Brazil: the case of people Terena¹*

Iago Freitas Gonçalves²

RESUMO

O presente artigo visa apresentar o modo como a religião cristã é inserida entre os indígenas no Brasil colonial por meio das missões jesuítas. Posteriormente, o trabalho foca-se na história da introdução do cristianismo no povo Terena. Primeiro na vertente católica, século XIX, e mais tarde na vertente protestante, já no século XX. Por fim, traz alguns apontamentos de uma “pentecostalização” da fé cristã dentro das comunidades indígenas Terena.

Palavras-chaves: Jesuítas; indígenas; Terena; religião cristã; pentecostalismo.

¹ O artigo foi recebido em 10 de agosto de 2017 e aprovado em 04 de abril de 2018 com base na avaliação dos pareceristas *ad hoc*.

² Bacharel em Teologia (VCD-FTSA); Bacharel em Teologia (FNB); Mestrando do programa de pós-graduação em Ciência da Religião da PUC-SP. Atuou como professor e coordenador entre os anos de 2012 e 2013 do Seminário Teológico Indígena Terena (STIT), localizado na aldeia Moreira, do povo Terena, na cidade de Miranda-MS. Membro do Grupo de Estudos em Protestantismo e Pentecostalismo (GEPP) da PUC-SP, sob a coordenação do Prof. Dr. Edin Sued Abumanssur, que também é o orientador da pesquisa de mestrado. Email: Freitasiago@gmail.com. Este artigo é parte de seu trabalho de conclusão de curso, defendido em 2016, na FNB, intitulado: “O povo Terena: História, Catequização e Evangelização”.

ABSTRACT

This article aims to introduce how the Christian religion is inserted among the natives in colonial Brazil through the Jesuit missions. Subsequently, it focuses on the history of the introduction of Christianity in the Terena people. First on the Catholic side, in the XIX century, and later on the Protestant side, in the XX century. Finally, it makes some notes of a “pentecostalizacion” of the Christian faith within the Terena indigenous communities.

Keywords: Jesuits; Indigenous; Terena; Christian religion; Pentecostalism.

INTRODUÇÃO

No presente artigo, de forma breve será introduzido o assunto de como os reinos de Portugal e Espanha alcançam vários privilégios diante do Papa, representante máximo da Igreja Católica, e sobre qual espírito retomam as terras ibéricas, partindo posteriormente para as grandes navegações, inflados por estas conquistas até chegarem a América.

Já no Brasil, será analisado como se iniciam as missões catequéticas em meio aos povos indígenas de um modo geral com a chegada da Companhia de Jesus. Posteriormente, de um modo mais específico, será abordado como a catequese católica acontece em meio ao povo Terena. Em seguida como a evangelização protestante é inserida no povo Terena e como ela se dá ao longo do século XX. Finalizando com apontamentos de uma pentecostalização da fé protestante Terena.

1 UMA BREVE RECUPERAÇÃO HISTÓRICA DAS MISSÕES CRISTÃS ENTRE OS POVOS INDÍGENAS BRASILEIROS

Com a queda do império Romano no século V, a península Ibérica fora tomada pelos Visigodos, que posteriormente é tomada pelo Islã (ou Mouros como eram chamados pelos ibéricos). Com o intuito de expulsar e retomar este território fora firmado um acordo de paz, o Tratado de Zamora, assinado

em 5 de outubro de 1143, por Dom Afonso Henriques (1109-1185) e Alfonso VII (1105-1157) dos reinos de Leão e Castela respectivamente. Reconhecendo a autonomia política de Portugal para avançar contra os Mouros.³ Essa emancipação ainda no período medieval é um dos principais fatores para o desenvolvimento das navegações portuguesas no século XV.⁴

Os outros reinos ibéricos se uniram para combater os muçulmanos. Nesta época surgiram os reinos de Leão, Castela, Navarra e Aragão. Castela e Aragão incorporam Leão e Navarra, junto com os territórios reconquistados dos Mouros. A união de Castela e Aragão se dá em 1469, quando Fernando de Aragão e Isabel de Castela se casam formando o que chamamos hoje de Espanha.

O estabelecimento da paz entre os reinos cristãos gerou muitos frutos. A enorme batalha que havia sido travada para reconquistar as terras do domínio dos Mouros desde o século XI, chega ao fim em 1492 quando Fernando de Aragão expulsa os Mouros das terras de Granada, o último reino sob o domínio muçulmano.⁵

O frade-presbítero Dilermando Ramos Vieira⁶ afirma que estes reinos ibéricos obtiveram grandes vitórias na reconquista das terras, o que agradou ao Papa, até porque estes reinos concebiam cada nova conquista como parte do engrandecimento do Cristianismo.

Com as conquistas portuguesas inflamadas, os papas concediam sucessivos benefícios aos governantes devido à prática do padroado.⁷

³ VIEIRA, Dilermando Ramos. *História do catolicismo no Brasil (1500-1998)*: volume I. Aparecida: Santuário, 2016. p. 9.

⁴ NETO, José Alves de Freitas; TASINAFO, Célio Ricardo. *História geral e do Brasil*. São Paulo: Harbra, 2006. p. 215.

⁵ VICENTINO, Cláudio. *História geral*. São Paulo: Scipione, 1997. p.149.

⁶ VIEIRA, 2016, p. 9.

⁷ Consistia na outorga pontifícia a certas pessoas da faculdade de apresentar bispos aos cargos eclesiásticos, concorrendo materialmente para a manutenção de tais benefícios. VIEIRA, 2016, p. 9.

Vieira⁸ diz que por isto foram concedidas 69 bulas papais, entre 1450 e 1500. Benefícios que seriam estendidas também a Espanha.

Em 1492, quando Cristóvão Colombo volta das terras recém-descobertas e devido a uma enorme tempestade é obrigado a desembarcar em Lisboa no ano de 1493. Fora recebido pelo rei João II de Avis (1455-1495) que logo se interessou pelas novas terras. Baseado em uma das bulas papais resolve apropriar da nova descoberta. No entanto, como Colombo navegava pela Espanha, os monarcas espanhóis enviam uma carta ao Papa Alexandre VI (1431-1503) reivindicando os direitos sobre essas novas terras. O papa então redigiu quatro documentos que foram conhecidas como “bulas alexandrinas” para regulamentar a questão. Mas, Portugal as rejeitou e abriu negociações com a Espanha até que firmassem o famoso Tratado de Tordesilhas, em 1494, que irá reger a divisão das novas terras descobertas.⁹

1.1 Catequização Católica no período colonial brasileiro

No final do século XV e início do XVI Portugal e Espanha eram donos das maiores frotas marítimas da época. Com o espírito desbravador buscavam encontrar de alguma forma um caminho, via mar, até as Índias como forma de intensificar o comércio e desenvolver a economia. Afinal, a crise do final do feudalismo ainda pairava sobre o velho continente.

Para os portugueses a religião cristã era tão eminente que todos os seus atos deveriam ser abençoados por Deus por meio das missas rezadas pelos líderes católicos. No dia 8 de março de 1500, em um domingo em Lisboa, fora realizado uma missa pelo bispo Diogo Ortiz que entregou a bandeira da Ordem de Cristo benzida ao rei Dom Manoel I, por sua vez a

⁸ VIEIRA, 2016, p. 9.

⁹ VIEIRA, 2016, p. 10.

entregou a Pedro Álvares Cabral na véspera de sua partida em busca do caminho para as Índias.¹⁰

No entanto, Cabral e sua tripulação fugindo dos marasmos das águas da costa oeste Africana, orientado pelo navegador Vasco da Gama, navegou mais ao leste e se deparou com terras desconhecidas. No dia 22 de abril de 1500, havia avistado um monte, e chamou ali de Monte Pascoal, uma vez que se aproximava da comemoração pascalina.

Um dos que estavam na tripulação de Pedro Álvares de Cabral e que cumpria o papel de redator dos fatos era Pero Vaz de Caminha,¹¹ que envia uma carta ao rei Dom Manoel I relatando a descoberta destas novas terras, colocando em destaques a beleza e riqueza natural que estas possuíam.¹²

Pero Vaz de Caminha ainda enfatiza a existência de grupos nativos que foram denominados de índios, por estarem a caminho das Índias, habitavam a terra e destaca que “viviam todos nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas”.

Quatro dias após a chegada, no dia 26 de abril de 1500, fora realizada a primeira missa no Brasil, até então chamada de ilha de Vera Cruz, por pensarem se tratar de uma ilha. Passando-se mais quatro dias, em 1º de Maio de 1500 fora realizada a segunda missa no território brasileiro. Participaram da cerimônia mais de mil portugueses e agora tiveram a presença de cerca de 150 índios.¹³

O redator oficial, Pero Vaz de Caminha, no final de sua carta, ainda deixa um conselho ao seu rei, envolvendo estas novas terras e os povos

¹⁰ CÉSAR, Elben M. *História da evangelização do Brasil: dos jesuítas aos neopentecostais*. Viçosa: Ultimato, 2000. p. 19.

¹¹ A carta de Pero Vaz de Caminha é de domínio público. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000292.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2016.

¹² CÉSAR, 2000, p. 22.

¹³ VIEIRA, 2016, p. 12.

nativos. Ele diz: “Porém o melhor fruto, que nela se pode fazer, me parece que será salvar esta gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deve lançar”.¹⁴

Tal dito deixa claro o pensamento português em relação aos povos nativos, a necessidade de que estes encontrem a salvação por meio da religião cristã. E como afirma Caminha, este seria o maior legado do rei português a estes povos considerados desalmados.

No entanto, nos parece que o conselho não é recebido pelo rei, que engaveta a carta que só vem a público quase 300 anos depois, como afirma o jornalista e teólogo Elben M. Lenz César.¹⁵

1.2 A chegada dos Jesuítas

Até o ano de 1520, as expedições possuíam apenas um caráter exploratório. No entanto, com o enfraquecimento do comércio pela rota das Índias, o Brasil passou a ser visto com maior interesse comercial. Assim a partir de 1530, Portugal inicia o processo de colonização das terras brasileiras estabelecendo as capitanias hereditárias.

No ano de 1531, chega ao Brasil Padre Gonçalo Monteiro, o primeiro sacerdote a fixar oficialmente residência na colônia, cujo objetivo principal era de satisfazer às necessidades religiosas dos colonos.¹⁶

Portugal ainda estava convencido de que poderia aproveitar mais estas terras e obter maiores lucros com elas. Assim foi estabelecido o governo-geral do Brasil, em 1549. Tomé de Souza foi o primeiro governador geral do Brasil, e desembarcou neste mesmo ano com cerca de mais de mil portugueses.

¹⁴ CÉSAR, 2000, p. 23.

¹⁵ CÉSAR, 2000, p. 23.

¹⁶ VIEIRA, 2016, p. 17.

Junto com Tomé de Souza desembarcou no Brasil os primeiros membros da Companhia de Jesus, os Jesuítas. Liderados pelo missionário Pe. Manuel da Nóbrega, os Jesuítas vinham cumprir o papel evangelizador dos povos indígenas. Possuíam como princípio, o conceito estabelecido ainda no início da idade média, que era “*orbis christianus*”. José Maria de Paiva¹⁷ esclarece dizendo:

o orbis christianus” é uma imagem cristã medieval do mundo. Fundou-se na crença de que o mundo é de Deus, cujo representante na terra é a Igreja Católica. Este Deus, por ser verdadeiro, exigia que todos o reconhecessem e lhe prestassem culto. A verdade absoluta, eis o princípio e o fim do ‘*orbis christianus*’.

Os historiadores Neto e Tasinafo¹⁸ ainda afirmam que ao desempenharem o papel de conversão dos gentios partiam de três premissas básicas, sendo-as:

1) os índios eram livres por natureza; 2) cada indígena era como uma folha de papel em branco onde poderia ser escrita, com pleno êxito, a palavra de Deus; 3) os índios eram tão capazes quanto qualquer europeu de aprender os ensinamentos cristãos e conseqüentemente, os sacramentos.

Como estratégia para o desempenho da função os Jesuítas utilizaram do método conhecido como aldeamento ou povoados, que era a tentativa de reunir grupos indígenas e colocá-los sob a liderança de um jesuíta, e os isolar dos colonos como forma de proteção para eles. Mas, diversas incursões nestes povoados foram realizadas por parte dos colonos para a tentativa de escravizar os indígenas.

No entanto, tal estratégia de aldeamentos que funcionou em algumas partes do conhecido hoje como Paraguai, não deu certo no Brasil, pois os próprios indígenas não estavam acostumados com tal modo de vida.

¹⁷ PAIVA, José Maria de. *Colonização e catequização, 1549-1600*. São Paulo: Autores associados: Cortez, 1982. p. 21.

¹⁸ NETO; TASINAFO, 2006, p. 281.

Sobretudo, a partir de 1557 os próprios jesuítas que antes tentavam colocá-los em aldeias pelo convencimento, visando a proteção destes indígenas, agora apoiavam as forças militares da coroa portuguesa para forçar a resistência indígena a se unirem em comunidades. O que gerou rupturas dos padrões tradicionais vivenciados e estranheza aos novos ambientes em relação àqueles habituais de suas origens.¹⁹

2 O INÍCIO DA CATEQUIZAÇÃO NO POVO TERENA

Com o passar dos anos, as missões católicas foram ganhando força, desenvolvendo os trabalhos missionários e obtendo êxito com as suas práticas catequéticas. Assim passaram a avançar para o interior do país, chegando até mesmo onde hoje conhecemos como a região Centro-Oeste do Brasil, nos estados do Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, entre outras partes do território brasileiro.

O primeiro grupo missionário cristão a entrar em contato e obter algum êxito dentro dos seus objetivos traçados para o povo Terena²⁰ foram os católicos da ordem dos Capuchinhos oriundos da Itália, chegaram para substituir os capuchinhos franceses no dia 4 de março de 1847. O seu principal líder era frei Mariano de Bagnaia, popularmente conhecido como o missionário do Pantanal.²¹ Possuíam como intuito a catequese dos silvícolas, apoiados e incentivados pelo governo brasileiro. Para o Império a catequese

¹⁹ GONZÁLEZ, Ondina E. ; GONZÁLEZ, Justo L. *Cristianismo na América Latina: uma história*. São Paulo: Vida Nova, 2010. p. 80.

²⁰ O povo Terena é um subgrupo dos Guaná, pertencentes ao tronco linguístico Aruak. Atualmente vivem principalmente nas cidades de Miranda e Aquidauana no atual estado do Mato Grosso do Sul.

²¹ MOURA, Noemia dos Santos Pereira. UNIEDAS: o símbolo da apropriação do protestantismo norte-americano pelos Terena (1972-1993). 2001. 136f. Dissertação (mestrado em história). Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Dourados. p. 25.

era sinônimo do ato de civilizar o indígena até torná-lo ocidental, como relata Frei Alfredo Sganzerla:²²

A mentalidade governamental no decurso do Império foi sem dúvida, a tentativa de civilizar os índios para integrá-los na sociedade, nos moldes ocidentais, na utilização das terras não ocupadas pelos índios. (...) Daí era um grande sucesso para o Governo catequizar os índios e com os índios catequizados levá-los à sociedade e servir-se especialmente de sua mão de obra.

Após sua chegada ao Brasil, Frei Mariano Bagnaia foi destinado para missão mato-grossense a pedido do próprio Presidente da província.²³ Os capuchinhos italianos estabeleceram diversas ações em meio às comunidades locais e em várias delas foram bem-sucedidas. A conversão acontecia de modo rápido e frei Mariano Bagnaia se empenhava para realizar o bem aos povos indígenas tornando-se um amigo dos índios.²⁴

Dilermando Ramos Vieira ainda afirma que os resultados dos trabalhos foram extraordinários, pois os “capuchinhos possuíam uma calma bem franciscana, despida da cupidez e dos vícios dos outros brancos”.²⁵ Vieira relata que uma das poucas grandes dificuldades que Frei Mariano Bagnaia enfrentou foi a de convencer os novos convertidos à fé cristã a andarem vestidos, inclusive dentro da Igreja.

Os historiadores Squinelo e Marin²⁶ afirmam que Frei Mariano Bagnaia quando fora deslocado para ser pároco de Miranda e vigário forâneo de todo o baixo pantanal, em 23 de setembro de 1859, possuíam como finalidade principal:

²² SGANZERLA, Frei Alfredo. *A história do frei Mariano de Bagnaia: o missionário do pantanal*. Campo Grande: FUCMT, 1992. p. 63.

²³ VIEIRA, 2016, p. 266.

²⁴ SGANZERLA, 1992, p. 285.

²⁵ VIEIRA, 2016, p. 266.

²⁶ SQUINELO, Ana Paula; MARIN, Jérry Roberto. Pela salvação das almas: a presença de religiosos nos campos de batalha da guerra do Paraguai. *Revista Territórios & Fronteiras*, Cuiabá, vol. 7, n. 1, abr., 2014. p. 200.

O objetivo da catequese indígena era sedentarizar essas populações nas imediações de Miranda, cristianizá-los e ensinar trabalhos manuais a fim de criar uma mão de obra numerosa, que seria empregada nas lavouras, pecuária, navegação fluvial, trabalhos domésticos, entre outras atividades.

A missão catequética avança e obtêm cada vez mais sucesso. Mas um fato externo transforma todo o cenário e conseqüentemente todas as ações missionárias católicas.

No ano de 1864 eclodiu a guerra do Paraguai, que foi uma disputa entre o Paraguai e a tríplice aliança, formada pelo Brasil, Argentina e Uruguai. O Paraguai buscava territórios para conseguir escoar sua produção via oceano para enviar à Europa, uma vez que crescia economicamente cada vez mais e até iniciou-se o processo de industrialização.

Por outro lado, o governo brasileiro usou de sua influência para manipular o Uruguai e a Argentina a enrijecerem suas políticas portuárias ao longo do rio *La Plata*, de modo que o Paraguai sofreu com isso, não podendo escoar sua produção.

Para o historiador Cláudio Vicentino a guerra do Paraguai é fruto dos interesses imperialistas da Inglaterra que precisava da sujeição das nações menores.²⁷ Uma vez que o Paraguai sob o governo de Solano López (1862-1870) havia atingido o fim do analfabetismo, pleno emprego aos seus cidadãos e o desenvolvimento da indústria de base, tudo isso sem contrair dívidas externas, podendo futuramente ser um grande concorrente no comércio mundial. Assim, a tríplice aliança foi apenas uma executora do neocolonialismo inglês.

O desenrolar desta guerra, afetou também diretamente o povo Terena que habitava exatamente nas áreas dos conflitos. O governo brasileiro com a intenção de reforçar seu exército enxerga no povo Terena um aliado, mas a princípio os Terena não aceitaram. Porém acreditavam que lutando pelo

²⁷ VICENTINO, 1997, p. 334.

exército brasileiro estaria assegurando a posse de suas aldeias já formadas naquela região.²⁸

No entanto, os Terena sofreram muito com a guerra do Paraguai, principalmente no ano de 1865 quando a tropa paraguaia invade a cidade de Miranda e a leva praticamente a total destruição. Apenas cinco anos depois é que Miranda será reconstruída e com o fim da guerra tudo tende a voltar à normalidade.²⁹

Mas, com o final da guerra do Paraguai, a esperança era de ao menos possuírem suas terras e reconstruir suas aldeias destruídas e continuar sua vida em paz. Mas, vários usurpadores apareceram interessados nestas terras, entre eles estão: soldados que não voltaram mais para sua terra natal, fazendeiros, imigrantes paraguaios com a expectativa de melhorarem suas condições de vida, já que o Paraguai ficou praticamente destruído pela guerra. Tiveram também povoadores buscando melhores pastagens para seu gado, atendendo a um chamado do governo brasileiro para a reconstrução e povoamento destas cidades.³⁰

A catequização civilizatória, pautada sobre construção de capelas, batizados, casamentos, ensino teve curta duração devido a Guerra do Paraguai, mas foi o suficiente para convencer os indígenas, quanto a este assunto, MOURA escreve:

Entretanto, mesmo que a convivência direta com os missionários tenha sido de curta duração, os Terena apropriaram-se da identidade de “cristãos”; provavelmente, porque se aperceberam que esse título era o passaporte de “civilizado” reconhecido pelos colonizadores da sociedade brasileira. Apresentar-se como cristão era uma forma de ser aceito melhor pela sociedade envolvente. Para eles ser cristão significava ser civilizado.³¹

²⁸ MOURA, 2001, p. 27.

²⁹ SGANZERLA, 1992, p 199.

³⁰ MOURA, 2001, p. 27.

³¹ MOURA, 2001, p. 26-27.

Após a guerra, a catequização católica liderada pelo Frei Mariano Bagnaia fora reorganizada. O Frei passou a ter um acúmulo enorme de funções e títulos, dado a escassez de mão de obra disposta a trabalhar naquela região, como nos conta Squinelo e Marin.³² Os autores ainda narram como Frei Bagnaia recomeça seu trabalho:

Ao reassumir a Comarca, ele se dedicou à reconstrução de igrejas, capelas e cemitérios, à reorganização dos arquivos paroquiais, ao trabalho pastoral e à organização da forânia do baixo Paraguai. A situação foi considerada precária: “A Comarca toda destruída. Logo tratei de, por ordem do bispo, restabelecer o culto em todas as paróquias, o que fiz e com bastantes frutos em todas elas”.

Assim, os trabalhos catequéticos vão sendo reconstruídos, as cidades e povoados reerguidos e uma nova forma de viver vai sendo gerada, dado as novas influências culturais, sendo-as: paraguaios, viajantes, fazendeiros e povoadores de todos os cantos do Brasil.

3 O INÍCIO DA EVANGELIZAÇÃO PROTESTANTE ENTRE OS TERENA

Antes de introduzir a história do início da evangelização protestante entre o povo Terena, é de fundamental importância entender um pouco do cenário político do final do século XIX e início do XX, pois tais fatos irão influenciar diretamente a vida do povo Terena e todo o seu contexto religioso.

No final do século XIX, precisamente em 15 de novembro de 1889, o Brasil passava por uma grande mudança política. De um estado centralizador, na figura do imperador, para uma república democrática, em seu regime presidencialista.

³² SQUINELO; MARIN 2004, p. 206.

O primeiro presidente do Brasil, ainda como governo provisório, Marechal Deodoro da Fonseca logo adotou novas medidas. Entre elas, a separação da Igreja e do Estado, tornando assim o Brasil em um país laico.³³ A partir de então, passa a ser papel do Estado brasileiro a obrigação da instituição do casamento civil e certidão de nascimento, rompendo completamente os laços políticos e religiosos com a Igreja Católica.³⁴

Na tentativa de modernizar o país, visto como retrógrado devido à política imperialista adotada até 1889 e com o final da guerra do Paraguai, novas políticas são tomadas para povoar e tornar de algum modo o oeste brasileiro mais rentável, além de tirar a população local de uma situação de isolamento. Assim, no ano de 1904, inicia-se a construção da nova estrada de ferro, chamada de Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (NOB), que ligava a cidade de Bauru, no interior paulista até Corumbá, última cidade do Brasil na divisa com a Bolívia. Além da construção de linhas telegráficas cortando todo o Mato Grosso.³⁵

Com o avanço para o oeste brasileiro, os governantes acabaram gerando um novo problema. Conflitos entre índios, fazendeiros, e aqueles que trabalhavam na chamada modernização do Brasil com a passagem de linhas férreas e telegráficas. Os indígenas queriam viver em paz em seu território, os fazendeiros pretendiam iniciar grandes plantios, criação de gado, aves e outros animais, e os funcionários do estado almejavam continuar a implantação das linhas.

³³ Laico significa o que ou quem não pertence ou não está sujeito a uma religião ou não é influenciado por ela. O termo “laico” tem sua origem etimológica no grego *laikós* que significa “do povo”. Está relacionado com a vida secular (mundana) e com atitudes profanas que não se conjugam com a vida religiosa. Em: <<https://www.significados.com.br/laico/>>. Acesso em: 15 out. 2016.

³⁴ NETO; TASINAFO, 2006, p. 565-567.

³⁵ MOURA, 2001, p. 34.

Neste grande conflito cada um tomava partido para si. Alguns mais exaltados solicitavam o fim dos povos indígenas, chegando até mesmo contratar capangas, que ficaram conhecidos como caçadores de bugres, nome pejorativo atribuído aos indígenas. Alguns queriam ‘domesticar’ os indígenas e fazer deles mão de obra escrava nas fazendas. Outros defendiam a separação de um pedaço de terra, menor do que a que os indígenas viviam, para de alguma forma conciliar as coisas e continuar o progresso. Este pedaço de terra ficou conhecido como reservas federais.³⁶

A partir do ano de 1904 iniciou-se o processo de demarcação das terras Terena. Com a presença do Marechal Rondon, responsável pelas linhas férreas e telegráficas, as terras indígenas que estavam sendo invadidas por fazendeiros locais foram separadas para a demarcação.³⁷

Estas terras estavam ligadas a União e seriam fiscalizadas por um órgão independente, chamado inicialmente de Serviço de Proteção aos Índios e Localização dos Trabalhadores Nacionais (SPILTN), formado em 1910. E a partir de 1918 se tornou Serviço de Proteção ao Índio³⁸ (SPI).

As áreas que foram demarcadas antes da formação do SPI, posteriormente foram reconhecidas pelo órgão. O povo Terena teve quase todas as demais terras demarcadas ainda no tempo do SPI.³⁹

Acerca desta política de delimitação das terras Terena, Moura⁴⁰ escreve:

³⁶ BITTENCOURT, Circe Maria; LADEIRA, Maria Elisa. *A história do povo Terena*. Brasília: MEC, 2000. p. 93-97.

³⁷ ACÇOLINI, Grazielle. *Protestantismo à moda Terena*. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2015. p. 87.

³⁸ Informação obtida no site da FUNAI (Fundação Nacional do Índio). Disponível em: <<http://www.funai.gov.br/index.php/servico-de-protecao-aos-indios-spi>>. Acesso em: 16 out. 2016.

³⁹ BITTENCOURT; LADEIRA, 2000, p. 96.

⁴⁰ MOURA, 2001, p. 35.

Por um lado, a criação das Reservas, naquele momento específico, foi necessária para os Terena e para o Governo brasileiro. Para os indígenas foi legitimado um espaço que consideravam seu, por menor que fosse e para o Estado resolvia momentaneamente o problema com os índios, considerados obstáculos ao progresso. Por outro lado, com o crescimento populacional indígena, verificou-se a inviabilização da sobrevivência Terena, naquela área restrita onde dependiam somente do cultivo do solo. Então, as próprias condições de produção da sobrevivência os compeliram a complementar suas necessidades vendendo sua força de trabalho fora da reserva. Isso, porque a demanda de necessidades, criada pela sociedade envolvente, era muito superior às condições de consumo proporcionadas pelas relações de produção dentro das aldeias.

Portanto, os Terena passaram a vender essa mão de obra fora de suas aldeias, trabalhavam nas fazendas, no comércio, na construção das linhas férreas e telegráficas, além de alguns viverem da própria agricultura.

Sob o governo do SPI, políticas indigenistas orientavam suas ações entre os indígenas, sobre elas Moura escreve:

No tocante à política indigenista, durante toda a existência do SPI (1910-67), prevaleceu uma orientação assimilacionista, preocupada em pacificar os grupos tribais, convertê-los em fronteiras vivas ou neutralizá-los mediante as disputas por territórios conquistados. Legalmente, o Estado tentou laicizar a política indigenista republicana. Mas, muitas vezes facilitou e permitiu, na prática, as missões cristãs (católicas e protestantes), desenvolverem medidas assistenciais e religiosas.⁴¹

No ano de 1912, o missionário John Hay, diretor da Missão ISAMU (Inland South American Mission Union) juntamente com sua equipe, saiu de *Concepción* – Paraguai para a aldeia Bananal, localizada no distrito de Aquidauana, hoje Mato Grosso do Sul. Estes missionários visavam o início das tarefas evangelizadoras em meio ao povo Terena.⁴²

⁴¹ MOURA, 2001, p. 36-37.

⁴² MOURA, 2001, p. 39.

Estes missionários usaram da estratégia assistencialista para o estabelecimento em meio ao povo Terena. Assim, propuseram a criação de uma escola para o povo e em troca os índios iriam providenciar uma casa para os missionários viverem, onde também seria a escola. Sobre esse acordo entre missionários e Terena, Moura escreve:

Para os Terena a Missão representava uma agência assistencialista que supriria em parte suas demandas, principalmente a demanda da educação. Para a Missão, os indígenas eram o alvo por onde ela poderia começar o processo de evangelização no Brasil.⁴³

Após o acordo, os missionários foram embora arrumar sua mudança e voltar para aldeia Bananal. No entanto, neste intervalo, o SPI havia prometido um professor ao povo. Assim passava a ser desnecessária a presença dos missionários que atuariam como professores.⁴⁴

No ano seguinte, em 1913, os missionários chegaram, mas já não são bem recebidos pelo povo, que aguardava o SPI providenciar o professor. No entanto, os missionários entraram em contato com o SPI e solicitaram a autorização para permanecer na área indígena e desenvolver a evangelização. Após duas semanas de negociações, foi autorizada a permanência e início da evangelização. Moura⁴⁵ chega a cogitar a hipótese de ter tido uma espécie de troca, fato que ela ainda diz não constar nos documentos, mas é algo que se deixa subentendido no termo “negociação” com os oficiais de Aquidauana e Rio de Janeiro, explícito nos documentos estudados por ela.

O SPI, na figura de seu líder Marechal Rondon, pretendia que cada povo tivesse um representante denominado de “capitão”, que trataria dos assuntos internos e externos, como espécie de um porta-voz do povo e para o povo.⁴⁶

⁴³ MOURA, 2001, p. 39.

⁴⁴ MOURA, 2001, p. 39-40.

⁴⁵ MOURA, 2001, p. 40.

⁴⁶ BITTENCOURT; LADEIRA, 2000, p. 97.

Um destes porta-vozes é o capitão Marcolino Wolilly, nomeado pelo SPI em 1915 para ser o capitão da aldeia de Bananal. No ano seguinte, o capitão Wolilly se converteu a fé protestante. Utilizando de sua posição, influenciou outros patrícios⁴⁷ para se converterem também ao protestantismo. Assim, o capitão Wolilly exercia duas funções, de capitão e agora de líder religioso. Fato que desagradou boa parte da comunidade do Bananal e gerou uma grande divisão, que fora recheado por uma enorme rivalidade, de um lado os Terena católicos e do outro Terena protestantes.⁴⁸

Sobre essa divisão conflitante no meio do povo Terena, o antropólogo Roberto Cardoso de Oliveira relata:

Essa discriminação às missões protestantes parece dever-se a duas razões básicas: a primeira pelo fato de lutar contra uma ideologia religiosa já arraigada na população brasileira e indígena, que é um misto de catolicismo, espiritismo e crenças e práticas tribais; a segunda pela maior operatividade dos missionários protestantes, maior agressividade de ação nas reservas, chegando ao ponto de utilizarem alto-falante para a propaganda do Evangelho (com músicas e perorações); tudo isso combinado com uma organização bastante eficiente, levando os “crentes” a uma vida de grupo mais intensa, através dos vários cultos realizados semanalmente, e do preparo de índios para desempenharem funções de proselitismo. Não é difícil de prever o quanto isto é incômodo para o Encarregado do posto: além da “perturbação” da rotina da aldeia, os crentes representam o elemento “revolucionário” na comunidade (...).⁴⁹

Esta situação foi se agravando a ponto de no ano de 1920, líderes católicos e seus aliados conseguiram expulsar a missão ISAMU de dentro

⁴⁷ São denominados patrícios aqueles indígenas, normalmente mais velhos, e exercem alguma influência nas decisões da comunidade.

⁴⁸ MOURA, 2001, p. 41.

⁴⁹ OLIVEIRA, Roberto Cardoso. *Do índio ao bugre: o processo de assimilação dos Têrena*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976. p. 95-96.

da comunidade do Bananal. Mas, o Capitão Wolilly continuou o trabalho dentro da comunidade.⁵⁰

A missão ISAMU, de origem Anglo-norte-americana, sofreu o golpe de sua expulsão da aldeia e encerrou seus trabalhos. No entanto, duas novas missões se organizaram e voltaram a trabalhar com o povo Terena. Sendo-as a SAIM (*South American Indian Mission*), que era a parte norte-americana do grupo da ISAMU, e que em 1925 voltou a trabalhar com os Terena após muitas dificuldades por parte do povo e do SPI. Com a ajuda do capitão Wolilly os missionários conseguiram se reestabelecer. E a *New Testament Gospel Union* que organizou a parte inglesa da ISAMU.⁵¹

Com o crescimento da fé protestante, os conflitos entre estes e católicos também ampliaram. Acçolini⁵² explica que chegou ao ponto de líderes cristãos serem expulsos e formarem novas aldeias como, por exemplo: União e Aldeinha. Sobre essas terras, Moura argumenta que foram compradas com o dinheiro de missionários e foi dada para os Terena cren-tes morarem. Assim essas terras ficaram conhecidas como “um reduto dos índios Crentes”.⁵³

Até aqui se vê a ação proselitista das missões católicas e protes-tantes. Porém, uma pergunta que se levanta é: qual a razão para uma mudança brusca em sua religião, na forma de manifestar sua espiritualidade, o que os motivou a ponto de se dividirem?

Para o antropólogo Roberto Cardoso de Oliveira essa explicação possui algumas razões, sendo-as:

Os indivíduos que passam do grupo “católico” ao “protestan-te”, ou vice-versa, são em regra levados por uma multiplicidade de razões, das quais uma teria conteúdo religioso. Podemos re-

⁵⁰ MOURA, 2001, p. 42.

⁵¹ MOURA, 2001, p. 42.

⁵² ACÇOLINI, 2015, p. 95.

⁵³ MOURA, 2001, p. 44.

gistrar muitos casos, por exemplo, de indivíduos (e mesmo famílias inteiras) que adotavam a outra religião por questões de desavenças na comunidade, cujo os adversários eram líderes ou desfrutavam de um status importante no grupo a que pertenciam e que a deixaram como represália. Mais comum ainda, era a canalização para o grupo ‘protestante’ dos descontentes com a administração do Posto. Mas, o que se deve acentuar é que nem por isso esses indivíduos continuavam necessariamente no novo grupo político-religioso de adoção, desde que na primeira oportunidade mudavam novamente, passando com relativa facilidade de um para outro grupo, de acordo com a conjuntura política do momento. Entretanto, há outros casos menos frequentes, em que o móvel da mudança de ‘ideologia religiosa’ era muito mais prosaico, como a simples vontade de beber cachaça: a expressa proibição de tomar bebida alcoólica criava situações tais que um protestante-convertido (e ainda não muito integrado na nova crença) deixava de sê-lo quando lhe vinha o desejo de beber; então tínhamos o fato curioso de indivíduos permanecerem um ano num grupo religioso (no caso, o protestante) e alguns meses no outro grupo, enquanto durasse sua vontade de se embriagar!⁵⁴

Para Moura essa explicação de Oliveira faz todo o sentido. Assim, ela concorda com ele, e ainda chega a dizer que alguns desses motivos pela mudança religiosa são “banais”.⁵⁵

Com o passar das décadas, o protestantismo cria raízes dentro das comunidades Terena, chegando a estabelecer doze igrejas evangélicas. Sendo que os trabalhos missionários eram liderados pelos missionários norte-americanos. Estas igrejas eram autônomas, a única semelhança entre elas era a evangelização protestante estrangeira.⁵⁶

No ano de 1972, a missão SAIM, que estava entre os Terena desde 1920, criou a UNIEDAS (União das Igrejas Evangélicas Indígenas da América do Sul) com o intuito de continuar a sua prática missionária e

⁵⁴ OLIVEIRA, 1976, p. 98.

⁵⁵ MOURA 2001, p. 43.

⁵⁶ MOURA, 2001, p. 44.

assistencialista. A partir de então os missionários norte-americanos foram vistos como assessores e apoiadores da atividade evangelizadora da nova instituição.⁵⁷

Assim, a UNIEDAS continua o trabalho com caráter proselitista, sendo a maior expressão do protestantismo norte-americano, como afirma Moura, dentro do território Terena.⁵⁸

No ano de 1993, Acçolini nos revela a expulsão definitiva dos missionários estrangeiros da UNIEDAS e a apropriação dos líderes nativos da instituição. Assim a UNIEDAS passa a ser dirigida apenas por líderes evangélicos indígenas.⁵⁹

4 A PENTECOSTALIZAÇÃO DA FÉ TERENA

No ano de 1906, nos Estados Unidos surge um novo movimento dentro do protestantismo oriundo do movimento *Holiness*, denominado de Pentecostalismo. Sua ênfase está na atualidade dos dons espirituais, principalmente o dom das línguas e o dom de cura.⁶⁰

O movimento pentecostal chega ao Brasil, com o estabelecimento da Igreja Congregação Cristã no Brasil (1910) e da Assembleia de Deus (1911). Logo alcança imensa aceitação e inicia um processo de estabelecimento e ampliação ao longo do século XX.⁶¹

Nas últimas décadas percebe-se um salto enorme no número de adeptos do protestantismo. Segundo a revista *Cristianismo Hoje*,⁶² na dé-

⁵⁷ MOURA, 2001, p. 61.

⁵⁸ MOURA, 2001, p. 61.

⁵⁹ ACÇOLINI, 2015, p. 114.

⁶⁰ PASSOS, João Décio. *Pentecostais: origens e começo*. São Paulo: Paulinas, 2005. p. 35.

⁶¹ MARIANO, Ricardo. Os neopentecostais e a teologia da prosperidade. *Novos estudos CEBRAP*. São Paulo, edição. 44, p. 24-44, mar. 1996. p. 25.

⁶² Disponível em: <<http://www.cristianismohoje.com.br/materias/especial/ja-nao-cresce>>. Acesso em: 18 out. 2016.

cada de 1970 o Brasil possuía 4.800.000 milhões de fiéis. Já no ano de 2010, ultrapassa as barreiras dos 42 milhões de fiéis. Ao analisar os dados dos últimos censos demográficos do IBGE percebe-se que a faixa que mais cresce é daqueles que se denominam pentecostais.

Esse movimento vem crescendo e gerando uma nova forma de protestantismo no Brasil. Nas últimas três décadas o pentecostalismo também chegou ao povo Terena provocando uma divisão nas igrejas UNIEDAS. Os novos adeptos desse movimento abriram novas igrejas, rompendo com o protestantismo norte-americano da UNIEDAS e assumindo a teologia pentecostal. Hoje essas igrejas expressam a maioria dos adeptos ao protestantismo dentro das aldeias Terena. Moura⁶³ chega a dizer que existe uma disputa pelo espaço sócio-político entre as igrejas UNIEDAS, representantes do protestantismo histórico e as igrejas pentecostais, que enfatizam os dons espirituais.

Mas, um fato curioso e requer uma investigação mais a fundo, mas este trabalho não se propõe a estudar, apenas em fazer apontamentos para futuras pesquisas é como essa nova forma de protestantismo, o pentecostalismo, recebe imensa aceitação, realizando dentro de um pouco mais de três décadas, transformações no espaço social o que o protestantismo histórico levou um século para fazer. Existe algo no pentecostalismo que o torna mais atrativo para o povo Terena? Teria alguma relação entre a prática xamânica com a mística pentecostal? Por meio do pentecostalismo os Terena conseguiram uma ponte entre a realidade concreta vivida nas aldeias com a espiritualidade cristã?

⁶³ MOURA, 2009, p. 234.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, ao olhar para a história dos Terena e a inserção da religião Cristã neste povo revelará um complexo fenômeno que envolve aspectos religiosos, culturais, sociais, políticos, enfim. Os apontamentos realizados neste artigo é apenas uma forma de provocação para se olhar para este campo vasto que requer um contínuo esforço para gerar novas pesquisas e estudos. Lembrando-se sempre que a manifestação da espiritualidade indígena, principalmente neste caso, Terena, possui diversas diferenças da sociedade e cultura denominada ocidental.

REFERÊNCIAS

- ACÇOLINI, Grazielle. Xamanismo e protestantismo entre os Terena: contemporaneidades. *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 24-47, jan./jun. 2012.
- _____. *Protestantismo à moda Terena*. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2015.
- BITTENCOURT, Circe Maria; LADEIRA, Maria Elisa. *A história do povo Terena*. Brasília: MEC, 2000.
- CÉSAR, Elben M. *História da evangelização do Brasil: dos jesuítas aos neopentecostais*. Viçosa, MG: Ultimato, 2000.
- GONZÁLEZ, Ondina E. ; GONZÁLEZ, Justo L. *Cristianismo na América Latina: uma história*. São Paulo: Vida Nova, 2010.
- MARIANO, Ricardo. Os neopentecostais e a teologia da prosperidade. *Novos estudos CEBRAP*. São Paulo, edição n. 44, p. 24-44, mar. 1996. <http://novosestudios.uol.com.br/v1/files/uploads/contents/78/20080626_os_neopentecostais.pdf>. Acesso em: 01 out. 2016.
- MOURA, Noemia dos Santos Pereira. *UNIEDAS: o símbolo da apropriação do protestantismo norte-americano pelos Terena (1972-1993)*. 2001. 136f. Dissertação (mestrado em história). Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Dourados.
- _____. *O processo de terenização do cristianismo na terra indígena taunay/ipegue no século XX*. 2009. 312f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Campinas.
- MOURA, Noemia dos Santos Pereira; ZORZATO Osvaldo. O processo de apropriação do protestantismo norte americano pelos Terena através da UNIEDAS. In: WRIGHT, Robin M. *Transformando os deuses: Igrejas evangélicas, pentecostais e neopentecostais entre os povos indígenas no Brasil*. Campinas: UNICAMP, 2004.
- NETO, José Alves de Freitas; TASINAFO, Célio Ricardo. *História geral e do Brasil*. São Paulo: Harbra, 2006.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso. *Do índio ao bugre: o processo de assimilação dos Têrena*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.
- PAIVA, José Maria de. *Colonização e catequização, 1549-1600*. São Paulo: Autores associados: Cortez, 1982.
- PASSOS, João Décio. *Pentecostais: origens e começo*. São Paulo: Paulinas, 2005.

SGANZERLA, Frei Alfredo. *A história do frei Mariano de Bagnaia: o missionário do pantanal*. Campo Grande: FUCMT, 1992.

SQUINELO, Ana Paula; MARIN, Jérri Roberto. *Pela salvação das almas: a presença de religiosos nos campos de batalha da guerra do Paraguai*. Revista Territórios & Fronteiras, Cuiabá, vol. 7, n. 1, abr., 2014.

VICENTINO, Cláudio. *História geral*. São Paulo: Scipione, 1997.

VIEIRA, Dilermando Ramos. *História do catolicismo no Brasil (1500-1998)*: vol. 1. Aparecida: Santuário, 2016.